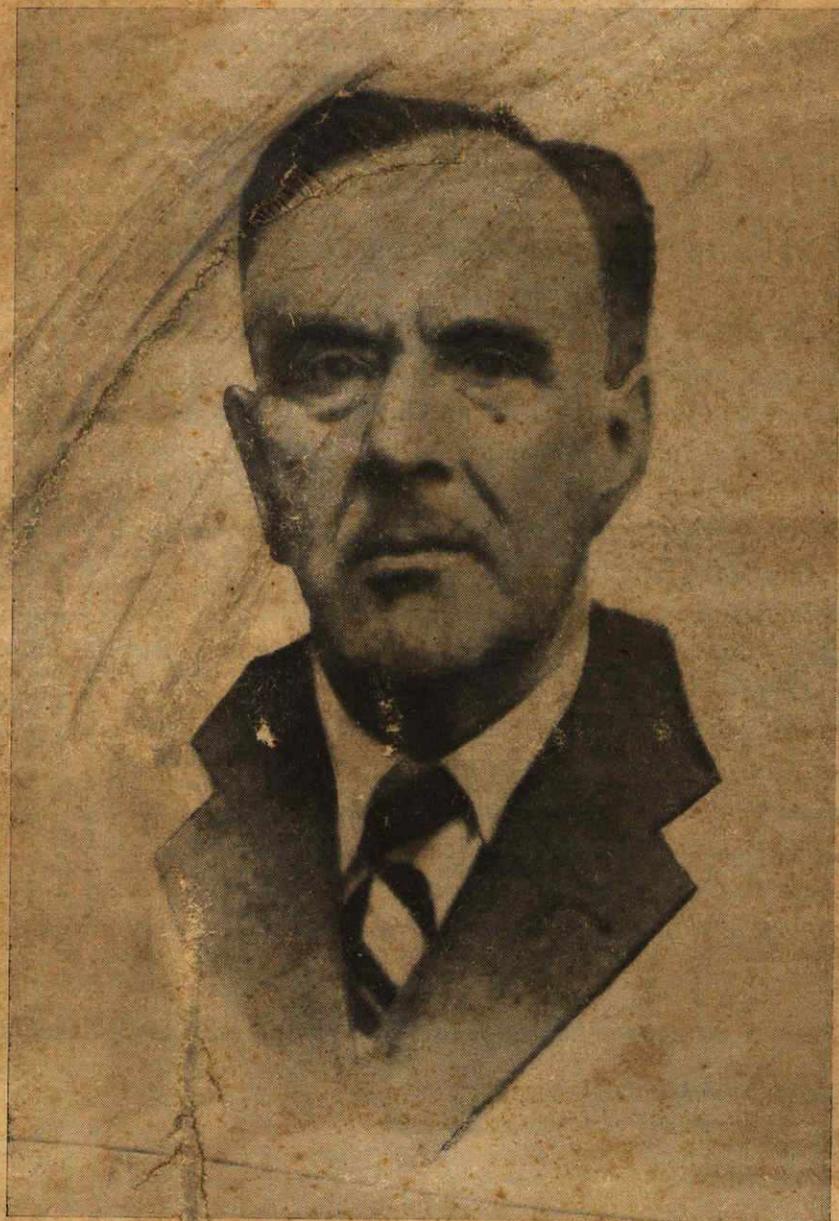


# SEARA NOVA



HOMENAGEM À MEMÓRIA



DE EMILIO COSTA

*Lisboa, 17 de Julho de 1953*

N.ºs 1276-77

Preço: 5\$00

Shi

# « O NOSSO EMÍLIO »

Por GRÁCIO RAMOS

ERA assim como nós, os restantes confrades da nossa velha tertúlia do Chiado, o tratávamos, na ausência, pois tão intimamente a ele nos sentíamos sempre ligados. E quando, na manhã de 17 de Julho do ano passado, o correio me trouxe o postal do Alexandre Vieira a informar-me: — «O nosso Emílio Costa adoeceu repentinamente. Está mal, muito mal. Há motivos para grandes receios.» — num sobressalto adivinhei tudo. Embora todos nós o soubéssemos doente, e ele não se enfadasse em no-lo repetir a cada passo, e há muito ano eu sempre mais ou menos assim o conhecesse, o certo é que fui todo solavancado com aquela brusquidão. O nosso Emílio deixara de «ser doente» para, de súbito, «estar doente» a ponto de «haver motivos para grandes receios». Não esperei por mais nada e parti para sua casa. Uma Senhora de alma enlutada confirmou: — «O Emílio está morto...» O meu íntimo reagiu. Entrei. Ele lá estava hirto; mas tão sereno naquele todo plácido das consciências imaculadas, e a semelhar querer dizer-nos, com aquele seu sorriso de céptico: — «Vocês são felizes porque ainda acalentam esperanças e fagueiras ilusões.» E só quando eu toquei a gélida mão do finado, poitada sobre o seu peito, àquele contacto com a morte, é que despertei para a realidade: Sim, o nosso Emílio estava morto! Jamais o seu coração diamantino voltaria a afligir-se com a dor alheia; o seu cérebro privilegiado deixara de laborar em prol de uma sociedade mais equitativa. A sua morte deixa uma lacuna dificilmente preenchível. Os tempos são outros...

Convidado a dizer algo sobre o nosso Emílio, neste número especial da *Seara Nova*, só o posso fazer focando uma das mais sublimadas qualidades do seu formoso carácter: — o espírito de camaradagem. Em referência ao pedagogo, ao filósofo, ao sociólogo, ao homem de letras, ao conferencista e tantas outras facetas do seu privilegiado talento não faltará quem o faça e com toda a proficiência. Da minha parte, apenas alguns episódios ocorridos entre dois amigos bastarão para poder aquilatar-se da simplicidade com que ele encarava e a importância que dispensava a quem quer que fosse de elevada ou apagada categoria social. Começemos, pois.

Estávamos ambos ainda na casa dos vinte e tal anos de idade, quando Emílio Costa publicou o seu muito discutido livro: *É Precisa a República?* E eu, por um nato espírito de irreverência, fui logo um dos que mais discutiu esse aliás ponderado estudo e que então vinha ao encontro do grande assunto em debate entre as duas correntes dos românticos anarquistas frequentadores do histórico *Quisque Elegante* (a *Bóia*, como lhe chamávamos) e que ficava defronte da Calçada do Carmo, ali no passeio empedradinho

a tomar todo o centro do Rossio. Uns — por entre os quais se contavam Heliodoro Salgado, José do Vale e Augusto José Vieira — optavam pela intervenção dos libertários na implantação da República; esses eram os «intervencionistas»; os restantes — em minoria — opinavam ser nosso dever deixar correr o marfim sem se contrariarem os acontecimentos, e manterem-se íntegros os princípios acratas; eram os não-políticos — os «puritanos». E andávamos nessa «guerra do alecrim e da manjerona», quando, num belo dia, o Emílio Costa, já então com aquele seu modo brando e sorridente, e para me acalmar o irrequietismo, e ao grupinho que comigo mais privava, nos diz: — «Vocês andam fora das realidades. As coisas são o que são. Não nos guerreemos uns aos outros...»

Em 1906, eu e ele vamos encontrar em Paris. Comigo, mais dois rapazolas companheiros daquela aventura, volta que não volta encontrávamos-nos em palpos de aranhas para darmos ordem à vida; mas caprichávamos em não apoquentar alguém; — lá as roíamos conosco. E então era ver a delicadeza — quando não era o Carlos Malato, era o Emílio Costa e até mesmo o Francisco Ferrer (o mártir) quem nos pregava a partida... Assim, não era raro na pensão ou no restaurante, quando íamos regular contas, nos dizerem: — *C'est payé*. E só então ficávamos sabendo de onde partia o lindo gesto de solidariedade espontânea. Em Dezembro de 1908, inopinadamente, eu tenho de sofrer uma intervenção cirúrgica, de urgência, devida a uma hérnia inguinal estrangulada. Assim que foi conhecida a minha situação, um dos primeiros a ir visitar-me ao Hospital de Saint-Antoine é o Emílio Costa; e não poucas vezes com uma temperatura de 10º negativos e as ruas com palmos de altura de neve, ele nunca lá faltava e jamais me aparecia com as mãos a abanar! Depois fui passar a convalescença a Saint-Maurice, nos arredores de Paris, e o bom Emílio Costa lá estava nos dias de visita a encher-me de sorridentes notícias; e ao partir sempre havia de deixar fosse o que fosse, embora ali nada me faltasse. Em Fevereiro de 1909, notícias alarmantes chamavam-me a Portugal: — «Se te demoras não chegarás a ver a mamã com vida» — dizia minha irmã, na sua carta. E eu procurei partir de qualquer modo. Na noite da véspera da abalada, escusado é dizer que, para se despedir de mim, lá apareceu o Emílio Costa, no quarto da Rua Daguerre, onde eu, o Cid e o Parreira morávamos. Ao despedir-se, entre palavras de conforto, acrescentou: — «Como irás tu haver-te em Lisboa, assim de chofre, sem emprego e quase sem recursos?» Num gracejo que ainda hoje gosto de empregar ripostei: — «Só sou pobre agora... Em chegando a Lisboa, com-

pro uma cautela, sai-me a «sorte grande» e monto um periódico...» E a galhofa prosseguia quando o nosso Emílio me infiltra, na algibeira do casaco, uns francos equivalentes a dez mil réis na moeda portuguesa de então. (E dez mil réis, naquele tempo, eram dinheiro!). Tento reagir, e ele tapa-me logo a boca, alegando: — «Ah, mas isso é a título de empréstimo; tu o pagarás quando entenderes.» Ocioso é acrescentar que, por inúmeras vezes, e até mais tarde, em situações bem diversas daquela, eu tentei reembolsá-lo dos seus dez mil réis, e esbarrava sempre com a sua recusa formal. Para pôr ponto no caso saísse-me com esta: — «Homem! a Solidariedade, entre nós, não deve ser uma palavra apenas!» Como resistir a tamanho espírito de camaradagem?

Mas o mais engraçado deste episódio está em que, efectivamente, no dia imediato ao da minha chegada a Lisboa, o *ardina* que deixou o jornal, vendeu-me a *taluda* numa cautelinha de três vinténs, ou sejam cem mil réis. Uma fortuna para a época! E assim se confirmou o meu *palpite*... E o periódico surgiu, com redacção e administração ali no Bairro Alto — no bairro da imprensa, pois então!... — e intitulou-se *Amanhã*, tendo por subtítulo: *Revista Popular de Orientação Racional*. De parçaria com Pinto Quartim, que tomou o encargo da redacção (com aquele dedo especial que mais tarde havia de fazer dele o mestre jornalista que hoje é) em 1 de Julho, do referido ano, saía o primeiro número, e no qual o nosso Emílio Costa abre a série de colaboradores da revista, publicando um artigo epigrafado: *Educando Sempre*. Era bem o artigo de um autêntico educador, e que terminava assim: «Há muita gente que fala de educação; tratemos de aproveitar a ocasião para educarmos bem, porque muitos, ainda que de boa-fé, hão-de educar mal. Educar bem, é emancipar cérebros, a toda a hora, em toda a parte e com toda a gente.»

Eu viera de Paris com a cabeça a transbordar de «anarquismo individualista»... Sou escutado e seguido por um grupo de jovens tão ou mais irrequietos do que eu, e dentre os quais se destacava o Bourbon e Meneses. Boto ao público, à guisa de manifesto, um jornaleco sob o título desafiante: *ação (sic)*, e que, como era de prever, teve a vida dos efémeros. Emílio Costa, com aquela delicadeza que tão bem lhe ia, manteve-se alheio ao caso. E o meu bulhar não se detém; e a proposito da morte, em Paris, do mais descabelado dos corifeus do anarquismo individualista — o «compagnon Liberta» — eu traço-lhe o panegírico nas colunas da revista *Sementeira*, de Hilário Marques. Então, Emílio Costa, prevendo que algumas daquelas destrambelhas estivessem a fazer carreira, escreve, na mesma revista, uma crónica rebatendo aquele meu escrito. E eu, posto que não convencido, calei-me. É que com ele, mais do que com outro camarada, eu começava a aprender a cultivar, em mim, o espírito da tolerância. Estava certo: a verdadeira liberdade de opinião está exactamente no respeito pelo modo de ver alheio.

Os tempos rolaram e eu aguento-me com a minha quarta intervenção cirúrgica, que durante 25 dias me teve às Portas da Morte. E o bom do

nosso Emílio Costa, arrimado à sua bengalinha, lá me ia visitar diariamente; e quando os seus achaques lho não permitiam, mandava saber do meu estado.

Para andarmos quase sempre emparceirados, e porque a diferença de idades era uma questão de meses, fomos, no mesmo ano, atirados pela ribanceira do «limite de idade», no funcionalismo público. O Emílio não se resignou com a nova situação e a neurastenia tomou-o e os seus males físicos agravaram-se-lhe. E como ele se admirava da minha adaptação aos factos consumados, e rematava: «Eu invejo esse teu feito!»

Sempre que podia o Emílio Costa não faltava às nossas pacatíssimas reuniões da tertúlia «chiadina»; era aquele o nosso passatempo bissemanal. Em Novembro de 1951, o nosso Emílio teve para comigo uma das suas mais enteneceadoras atitudes. Eu manifestara o desejo de, naquele dia, em que completava os meus 25 anos (a multiplicar por três...) reunir em minha casa os companheiros da tertúlia. Mas um óbice, e dos maiores, surgia para aquelas grandes e tão doloridas pernas do Emílio: — treparem um 3.º andar de 66 degraus! E quando lhe objectei ser aquilo para ele um grande sacrifício, redargui-me: — «Ah, vou lá, vou! É que ninguém faz 75 anos mais do que uma vez na vida...» E a sua força de vontade, naquele caso, era tal que nem o inesperado percalço de, por equívoco do motorista do táxi que o transportava o ter largado na porta ao lado daquela onde moro, obrigando-o assim a uma dupla ascensão a terceiros andares o fez desistir! Esfalfado, ao abraçar-me — de alma a sorrir-lhe pelos olhos — foi com alegria infantil que me descreveu a peripécia. A intimidade do convívio daquela noite compensou tudo e todos. À mesa sentaram-se quatro septuagenários: Emílio Costa, o Campos Lima, o Augusto Rodrigues e a minha pessoa; os restantes eram gente moça que iam dos 60 aos vinte anos de idade... Foi esta a última reunião magna da tertúlia a que ele assistiu. E ao evocar a triste realidade, eu tenho aqui na minha frente a «lembrança de anos» trazida por aquele grande amigo. Sabia ele muito bem da minha tineta teatral e por isso me ofertou a *Histoire de la Mise en Scène*, de Paul Blanchart. Cá está, escrita pelo seu punho: «Ao Grácio Ramos, com um abraço pelo seu aniversário diamantino, do velho amigo de há mais de quarenta anos. — *Emílio Costa*».

Como pétalas a desfolharem-se de uma saudade, e subindo-me da alma, também um par de lágrimas persistem em me assomarem aos olhos. Sim; e não se contiveram, e tombaram sobre aquela sincera dedicatória... É que a nossa grande camaradagem de há muito se tornara em verdadeira amizade fraternal!

*Toda a psicologia, toda a moral, o conhecimento dos homens e das coisas, a experiência pedagógica, tudo, enfim, que pode servir directa ou indirectamente a educação, se resume nesta síntese de toda a ciência educativa: «Educar-se é adquirir hábitos; educar é fazer adquirir hábitos».*

E. C.